的别似到(红红红红红

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO PORTO

- PUBLICA-SE QUINZENALMENTE -

Administrador: IULIO DE CARVALHO VOUGA

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO: Rua de S. Bento da Victoria, 10-1.º - Port Director - I. DE ESPREGUEIRA MENDES

AVULSO, \$50 Cent. - TRIMESTRE, 3\$00 Esc.

Editor: AGOSTINHO GONÇALVES

np. e imp na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO



CONGRESSO

A Faculdade de Sciencias está-se resentindo da influencia mercantil dêste meio e mal vai para todos nós, alunos da Universidade, que a tentativa vingue!

Vem isto a proposito duma resolução tomada ha pouco tempo pelo conselho daquela Faculdade. As faltas aos actos já não são justificadas com atestado médico, processo valho e gasto, mas sim dico, processo velho e gasto, mas sim por meio de vinte e cinco escudos! Devemos concordar que é caro e a perma-necer esta infeliz ideia, será melhor transferir a Faculdade para a rua de de S. João ...

Estamos certos porém, que o Snr. Di-rector voltará a tratar dêste assunto, fazendo sentir aos Senhores Professores o abuso que representam tais medidas, porque, embora a maioria das faltas aos actos não sejam motivadas por doença, a verdade é que vinte e cinco escudos é um imposto bastante forte, para quem já se não vê excessivamente sobrecarre-gado com o custo da vida.

Causou bôa impressão a presença dos Srs. Drs. Augusto Nobre e Leonardo Coimbra na sessão de boas vindas aos estudantes de Valladolid. Este ultimo proferiu um explendido discurso, traçan-do dura forma superior a fisionomia das do duma forma superior a fisionomia das duas Patrias irmãs. No final da soberba oração, recebeu numerosos e merecidissimos aplausos.

A Associação dos Estudantes não tem abandonado a celeberrima questão dos Caminhos de Ferro. Podemos mesmo informar que no assunto se acha interessado o Reitor da nossa Universidade, estando para breve o restabelecimento desta invejavel regalia.

Fala-se na fundação de dois jornais rala-se na fundação de dois Jornais academicos, um dos quais, com caracter político. Não sabemos o que haverá de realisavel nestes projectos, mas não fica mal, desde já, definirmos atitudes. Receberemos com alegria qualquer jornal que venha completar a nossa obra, corrigi-la até, desde que esteja fóra do campo político.

O trabalho a realisar é muito vasto e chega para todos; a questão é que haja sã orientação e ninguem desça á arena apenas para destruir aquilo que bem ou mal está sendo feito com boa-fé.

Vem ao Porto realisar duas conferencias o eminente scientista Dubreuil-Chambardel, vice-presidente da Socie-dade de Antropologia de Paris. Chegou a pensar-se em organizar, no salão nobre da Universidade, uma festa artistica em que tomasse parte o nosso orfeon e tuna. À ideia porém, não pôde ter execução, devido á impossibilidade de fazer ensaios de apuro nos próprios dias em que todo o tempo era pouco para tratar das festas carnavalescas.

Pena foi que assim fugisse a oportuni-dade de mostrar aos olhos dum grande homem na sciencia, um dos aspectos da vida universitaria desta cidade.

Portugal, como todas as nações que tiveram acção directa na contlagração europeia, sofreu um abalo económico tremendo, emquanto a sua evolução política se desmancha num cáos assustador. As razões directas, imediatas, logicas, absolutas, estão no sofrimento de uns pares de anos de guerra e de fome, de morte e de ambições. Buscá-las a outra parte, originá-las em outro principio, é um absurdo. Elas claramente se mostraram, como em outros paizes se declararam, mormente na Russia e na Itália, após os tratados de Versailles.

E para se atacar o mal, debelar, extinguir, só a disciplina e a unidade, só o trabalho e a ordem, só a inteligencia e o patriotismo, podem trazer a cura maravilhosa, extraordinaria, para uma Pátria agonisante. A Austria, a aflicta, a vencida, uma das maiores vitimas da Guerra, fala eloquentemente ao mundo pelo quanto valem os principios de concordia e de bom senso.

Em Portugal a barafunda alas-

tra, e o virus da ambição multiplica-se.

Reunem forças vivas — vivas in-nomine-, reunem grupos politicos, élites, tudo o que tem acção ou intervem nos negocios teoricos do Estado e não reune a inteligencia viva da nação, nem a mocidade, nem a força da ordem, nem a unidade de vistas, nem o bom senso.

Para onde vamos?

E a Mocidade, parte daquela que verteu o seu sangue em Asica e na Flandres — vai reunir agora, numa politica de principios, academica, espiritual, para dizer tambem um dia ao Povo, que só a ordem e a inteligencia, a disciplina e o amôr, podem salvar a Patria, que, ao acaso, se baloiça num mar fervente de ambições e de caprichos, de tutelas e de desmoralisação.

O primeiro grito Môço está no congresso de Coimbra. Que a mocidade busque lenitivo para a sua descrença, que não deve ter, e se encorage para lutar pela Liberdade e integridade da Pa-

Para Lisboa partiu a semana passada o nosso amigo Braga Real, Vice-Presidente do Orfeon Academico do Porto, com o unico fim de preparar a proxima visita do Orfeon e Tuna á Capital. Esta visita, que se realisará no fim dêste mês, será precedida duma récita no teatro de S. João, desta cidade, récita para a qual S. João, desta cidade, récita para a qual se estão congregando todos os elementos, afim de resultar brilhante. Logo a seguir ao domingo de Pascoa partirá o orteon para terras de Espanha com destino a Barcelona, parando possivelmente em Valladolid e Zaragoça. Apesar das muitas desconfianças, tudo se prepara para que de novo o estudante português seja aclamado em terras estrangeiras, honrando o nome querido da Pátria e afirmando a superior organisação academica do nosso paiz. mica do nosso paiz.

O ultimo numero do Porto Academico foi muito apreciado e constituiu um explendido reclamo para os festejos do Carnaval dos Estudantes. Este ano quasi podiamos dizer que tudo correu bem e não afirmamos categoricamente que todos os numeros foram explendidos, porque não podemos ainda esquecer a desagradaval impresção que en todo do dispressão que en todo de dispressão que en todo de desagradaval impresção que en todo de la complexión de davel impressão que em todos deixou a celebre «Aranha Verde»! Da peça nada podêmos dizer, porque embora assistis-semos á sua representação duma cadeira da segunda fila, não ouvimos o suficiente para ajuizar do seu valôr nem tão pouca para perceber o enrêdo. Em nosso entender o fiasco — e trata-se dum autentico fiasco — deve-se ás pessimas condi-ções da sala que escolheram.

Que êste dissabôr seja um exemplo e

nunca mais a nave central do Palacio sirva para arrebatar á Academia do Porto os bons creditos de que gosa.

Em «O Primeiro de Janeiro» de 29 de Fevereiro encontramos esta bonita

«Convidam-se quatro ou cinco estudan-tes que queiram alegrar com a sua pre-sença, dois bailes de Carnaval, em casa

sença, dois bailes de Carnaval, em casa particular, sendo servidos e com ceia. Falar na rua de Santa Catarina n.º 1372. Estudantes? Mas estudantes convidados por anuncio para ter um baile, com o fim de alegrar as jovens da casa?!... Pois é como estão vendo. Ter-se-ia alguem aproveitado de tão extraordinário convite? E' natural que sim, porque afinal por cá anda muita gente a farejar constantemente ceias e serviços em casa alheia... Mas a graça da nossa gente está precisamente na tesura, franca e confessada, bem mais simpática do que a ausencia absoluta de graça, que os habitantes do predio situado na rua de Santa Catarina, 1372, mostraram têr, passando conjuntamente o atestado de insuportaveis a todos quantos fre-

quentam aquela casa. Pois tomem cautela com o processo agora adoptado, porque a repetir-se, muito bem pode acontecer como na recita de despedida da Goya, em que eram mais de cento e cincoenta os pretendentes aos bilhetes baratinhos...



CHEGADA DOS ESTUDANTES DE VALLADOLID AO PORTO

O PECADO DE SIMEAO LOURENCO

Sentados no muro esbarrocado do caminho, beirinha da fonte lastimosa e agora menos farta da pura agua—mal desougava um pardal—ali, naquele logar ensombrado por laranjeiras folhudas, eram em conversa segredeira e amigosa Simeão Lourenço e Bento Lirias—o Lirias da Ba roca—não ouviram falar? Camisas de peitos escapearados a estace misas de peitos escancarados, a estopa grossa a chupar-lhes as aguas do suor, abanando os chapelões de palha torrados do sol, para que o ar mexido os consolasse um pouco de frescura, ha boa hora aquelas duas alminhas do Senhor ali poisavam, reu-reu, reu-reu, um nunca acabar de falatorio marulhento, que o sitio era de convidar.

-E' o que te digo, Lourenço, é o que te digo. O meu rapaz sai-me livre da dança das pauladas na Lapinha, t'o juro! Bonda nisso estar metido o morgado da Silveira, que onde mete o bedeiho ou sai coisa apurada ou escacha-se o céu, homem...—isto deixou caír em segredo a bôca de Bento Lirias, mais chegado ao amigo, não fossem os ares dar lamiré do caso. Simeão Lourenço abanou a cabeça, limpou a camarinhada da testa:

—Se ele é assim, tens tu o moço na rua, tens. Mas diz-me, cum raio: para que foi o demenio do teu filho abrir o caco do das Vinhas, para que foi? Porque foi, não me dirás?—Lirias fitou-o de esguelha, os olhinhos molageiros e vivos nos do outro:

Ina, os ontinhos molageiros e vivos los do outro:

—Mulheres, mulheres! Ambos de beiça pela Maria do Bougado, aquela bruxa que inté, deixa vêr, deixa... é lá prima do das Vinhas. Othadela do meu rapaz, dizem, para a moça, durante o sermão, penicãosito mais atrevido e puxado á saída da capela, e ora ahi tens o sangue do das Vinhas a ferver, que o ciume tambem é maleita, olha que é! E satisfação pedida, 'stás a vêr, o meu tem a quem saír na repontice e pé leveiro—não esperou ordens—zás, não errou a pancada, mais certa que as horas dêste relogio!...
—Simeão Lourenço riu, batendo uma palmadinha no hombro do amigo:
—Levados da breca os homens da tua casa, ó Lirias! Já tu assim eras, que o diga o Fontinha e mai-la coça que lhe deste na... deixa vêr...— Lirias lembrou-lhe o sitio, orgulhoso de sua valentia moça:
—Inda te lembras, homem? Raio que te

suras lembrou-lne o sitio, orgunoso de sua valentia moça:

—Inda te lembras, homem? Raio que te não esqueces. Pois foi no S. Bento, ha que anos e olha a graça, por uma mulher que isso foi. Mulher, Lourenço, bicho ruim, bicho ruim! — Simeão Lourenço riu agora mais, topando graça naquilo:

—Bicho ruim, Lirias, bicho ruim! Mas cazaste-te!

O outro resignou-se:

 Assim com'á assim, a gente é tola!
 Tudo canceiras e trabalhos, êste mundo, Lourenço, tudo!

Lourenço, tudo!

E como a maré corresse para desabafos, Lirias puxou-o mais a si:

—Olha lá, tambem falaste ao morgado
para te aliviar do tiro que deste na Violante? Metes-te em boa, tambem! Dar
uma chumbada daquelas numa mulher, só
porque ela te rifa umas couves! Maus figados tens, homem, maus figados!

Simeão Lourenço ergueu-se, sacudido
e em defeza:

-Com trezentos milhões de macacos, Lirias, com seiscentos milhões! Não me digas isso. Ora que esta é muito boa. Então um homem tem as suas coisas na sua horta, gasta o seu tempo e o seu dinheiro para que medrem e se apresentem de boa cara, mata-se em regas e sachas, um rôr de trabalhos, e vem um diabo qualquer e leva-lh'as — cá estou eu que me apetecem — não? E ha-de uma pessoa ficar-se, como se dissesse — muito bem, continua — ha-de? Homem, homem, a doutrina não manda roubar... ou a religião é uma cabaça pôdre!

Bento Lirias pranta-se a rir, a rir, a rir, a rir, as mãos na barriga, não fossem descolar-se as tripas á força de tanto riso.

O' Simeão dos meus pecados, ó Lourenço, mas tambem não manda matar, pois não?

-E eu matei? Eu matei? Piquei, furei, diz assim, que as costas ficaram-lhe a modos de ralo de regador e disso me modos de raio de regador e disso me não arrependo, que o castigo tambem o céu o dá, e mais é o céu. Olha, estou como dizes: o morgado da Silveira meteu-se nisso, não me ralo. Paga-se o hospital á mulher e a cadeia que espere. Já ele m'o garantiu e isso é tudo. Homem

como ele para estas coisas nem pelas
Franças o topas!

Bento Lirias concordou, que sim senhor, que era isso mesmo, um homem
para o que desse e viesse, mais sabichão para o que desse e viesse, mais sabichado de leis que muito juiz de bazofia rançosa, e mais não andou por Coimbra a roçar nariz por livros de estudos, não!

—Mas, ó Lirias, e pagar-lhe o favor, pagarmos o favor, já pensaste?

O Lirias calou-se, olhando o chão onde

as formigas rabiavam.

-Já pensaste?

-Já, homem, já. Mas tu bem sabes que o morgado não quer nada pelos favores que faz. Votos, Lourenço, votos, muitos votos na ocasião, é o desejo dele. E com isso todo se lambe, o patusco do morgado.

E quedaram-se em silencio por tempo escasso. Abriu a conversa outra vez o

—Olha, Lourenço, eu cá de mim, ouves? Já viste os meus melões? Pois homem, são a coisa mais rica, os melhores bocadinhos destas leguas. Dez melõesinhos ali vingados, uns amôres! Perfeitos como mão quero que outros baja. Suai muito não quero que outros haja. Suei muito, muito dia e cuidado lhes dei. Tratei-os como a filhos doentes, tratei, homem. Pois vão todos direitinhos para o morgado, todos, não para pagar, mas por lem-brança. E ele que é um doido por melões, um doido, um doidinho, caramba! Valem

mais para ele que carros de libras, t'o juro. Que tal achas a ideia cá do velho? Simeão Lourenço apoiou, sim senhor, havia de gostar, havia de gostar muito, lh'o dizia ele. E sorriu-se, num sorrizo velhaquinho e de significado feiticeiro. —E já que te falei disso, anda dahi vê-los, anda, que coisa tão boa nunca em tua vida topaste por esse mundo de Deus, Lourenço!—

Deus, Lourenço! -

E desalaparam-se os dois, tomaram o caminho de baixo, o sol a queima-los na ardencia picada e forte; e lá se foram a ver aquela riqueza de melões, aquela riqueza dos melões do Lirias.

E porque o morgado era homem tente que nem ao demonio em figura tinha mêdo, tanto fez e tanto andou, por qui, por li, fa!a a este, conversa áquele, Simeão Lourenço só pagou da chumbada á ladra da Violante os gastos da botica com curativos e o filho do Lirias veio para a rua, ainda com rodas de santo—que lanhara a cabeça a um homem em legitima defeza! Pois então: a Justiça, meus senhores, é assim cega como uma toupeira, o demo da senhora Justiça! E cumprindo seus desejos e promessas, no dia seguinte, cedinho, vae o Lirias para dia seguinte, cedinho, vae o Lirias para a quinta colher uns melões, inda o sol não arrebitava olho ao de lá da serra. E pelo caminho ia pensando na alegria do senhor morgado:— agua na bôca desinquietando-lhe a lingua, ougadinho de todo, os olhos comilões e gulozos espalhados nos ricos fructos maduros! E haviam, cara disso eles tinham os seus melões cara disso eles tinham, os seus melões, de ser apimentadinhos, tal e qual como sua senhoria gostava. Mas os melões, os ricos melões, os bons melões do Lirias já lá não estavam, mão safada e ladra lh'os apanhara, má sarna a comesse, a sim caissa aos nivinhos come mese, a sim caisse aos niquinhos como maçã podre do galho. E até chorou, chorou de raiva Bento Lirias, capaz de ali despejar trinta cartuchos de chumbo na barriga do atre-vido gatuno, estrancinha-lo todo, esbor-racha-lo como se esborracham as pulgas.

Dali foi-se a casa do Morgado, tinha que agradecer-lhe, não podia fugir. Mas ir com as mãos assim, a abanar de vagas como bacalhaus ao dependuro na amostra, era de um homem se morder, morder-se todo, isso era! Entrou, o corarão com'á noite—as escadas custavam-lhe agora tanto a galgar— já a lingua se lhe pegava como visgo ao ceu da boca, até lhe faltava o ar! E apoz agradecimentos e coisas, o senhor morgado veio recebe-lo ao patamar—quem tem educação mostas a comerca livias lhe redirementos tra-a sempre-Lirias lhe pediu, em velhas palavras de obrigada feição, desculpa por pada a de obligada leiçad, desculpa por nada—uma lembrança ao menos e não pagar a Vossa Senhoria—lhe oferecer.

O Morgado da Silveira poz-se serio:

—Lirias, olhe que até tomava a mal, se se incomodava para issol—e em tom m is se incomodava para de texactiós:

se incomodava para isso!—e em tom m is amigo e melozo de tagatés:
—Fiz-lhe o favôr por amizade, com amizade é que m'o deve pagar, homem.
E... sempre ás ordens, amigo Lirias.
Quando precisar de si, só quero saber se me não fecha a porta.

Bento Lirias apertou-lhe a mão com força, no entusiasmo da amisade e de

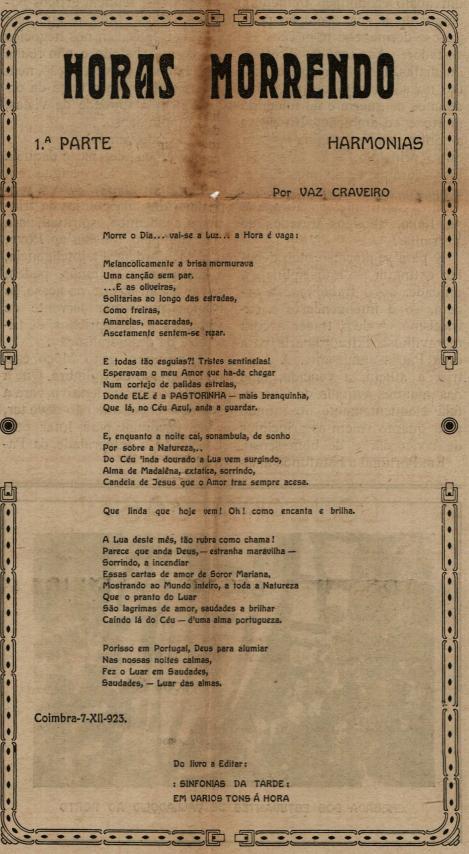
franqueza:

-O' senhor Morgado, aberta sempre, sempre aberta, senhor Morgado!—

Pela manhã do dia seguinte o Morgado de Silveira recebeu dez melões, dez opulentos melões trazidos num certo vindimeiro, todo afogado em linhos brancos, dum cheirinho a alfadega que consolava:

-Da parte do senhor Simeão Lourenço, para a merenda do senhor Morgado e familia...—dissera ao entrega-los
á creada—... e que logo cá vem agradecer de voz a Vossa Senhoria!—
E só mais tarde, bons anos fiados, é
ano Borto Living combo quem lho rafáre.

que Bento Lirias soube quem lhe rafára os melões, á cabeceira do próprio, seu amigo Simeão Lourenço que agonizava e lho quiz dizer em confissão, antes de Deus lho preguntar na outra vida!



LUIZ DE PINA.

Exposição Builherme Filipe

Ali no S. João, escancaradas ao publico as portas do Salão Nobre, onde o pintor abriu para os nossos olhos a sua arte exquisita, estive eu tambem.

Corri o Salão ponta a ponta, varias vezes; corri bem todos os quadros, olhei-os cuidadosamente, de longe e de perto; abri bem os meus olhos para uns, apanhando-lhes assím toda a côr, toda a impressão; encarrapitei-os para outros, fazendo o possível para harmonizar, por mim, desarmonias que meus olhos

topavam.

Nas telas e nos cartões de Gui-Iherme Filipe ha Arte na verdade, mas uma Arte extravagante, fóra de costume. E sua Arte irritou uns e satisfez outros. Coisas a que se sujeita, é certo, quem é Artista. Ficou-me a impressão, e essa firme, poderosa, de que Guilherme Filipe, querendo, porque pode, ha-de dar outra feição á tendencia do seu pincel, representante unico do seu ideal de Beleza, explicador agora por demais bizarro e quicá ininteligivel, por vezes, do seu talento, do seu pensamento ambicioso. Gui-1herme Filipe é arrojado, quer ino-vações, precipita-se na Arte! Nalgumas telas julguei ver descuidos, noutras, imperfeições. Poderia indicá-las, mas os nomes dos quadros não os sei, que o pintor não quiz baptiza-los. Esses descuidos e imperfeições, linhas tremulas, côres artificiais, perspectiva ás vezes fora da lei, indecisões de formas, traço infantil em certas partes, notei-os em alguns trabalhos. Proposito do Artista? Creio. Por isso mesmo não agradou completamente. Porque não aproveita Guilherme Filipe melhor a sua arte, a sua habilidade? Porquê? Explica-se ele num folheto, cuja leitura devo á sua amabilidade, e explica a sua Arte, o seu método, o seu desejo! Concordamos, em parte! Anceio de Beleza, audacia de novos tons e nova técnica, pintar consoante o impulso natural e o temperamento, ficam bem num homem que é novo, rapaz, como Gui-1herme Filipe. Mas é necessario atender a que a verdadeira Arte é alguma coisa mais do que ele quer afinal, ou alguma coisa menos, então, do que ele sonha! A verdadeira Arte, a verdadeira Arte! Refreie Guilherme Filipe o seu pincel continuando embora a sentir a Arte como hoje a sente. Pinte Guilherme Filipe com cuidado, sem pressas nem desvairos, simplesmente, naquele natural entusiasmo que arrebata o Artista. Na Arte a alma é tudo e a Razão muito, mas desvairada ás vezes! O seu "Cristo Negro" pode dizer muito naquele atordoamento de assunto, de formas, de côr! Por ser extravagante, decerto, e só por isso! O pensamento que o quadro explica é realmente bom; a obra por outro modo pintada, outra técnica, com natureza e facilidade, seria soberba! Assim... Que Guilherme Filipe não esconda o seu talento com estas obras e o revele, no futuro, melhor. Que faça da Arte o que a Arte sempre foi, é, e ha-de ser.

LUIZ DE PINA.

IIIS ITTUES

Nos tempos que vão correndo os actos de nobreza e de principios são muito raros, e por isso é que nos chamam a atenção, quando casualmente aparecem.

Queremos referirmo-nos ao que contaram os jornais sobre a reitoria da Universidade de Coimbra.

O Sr. Dr. Antonio Luiz Gomes abandonou o logar de Reitor em Coimbra, após um conflito com o Sr. Ministro de Instrução, conflito que aliás em nada nos interessa, mas que serviu para provocar a atitude do Sr. A. Luiz Gomes, que declarou ter abandonado o logar devido á "intromissão da politica partidária na administração da Universidade."

O Sr. Ministro da Instrução convidou em seguida o Dr. Bernardino Machado para ocupar aquele logar de altissima responsabilidade, e recebeu do antigo Chefe de Estado uma resposta que encerra uma tão digna afirmação de principios, que não podemos deixar de prestar-lhe no nosso jornal a mais sincera homenagem.

O Sr. Dr. Bernardino Machado não aceitou o convite, porque sempre tem defendido a autonomia Universitária e é de opinião que os rêitores devem ser escolhidos ou indicados pelos poderes superiores Universitários.

Sabemos de fonte segura que estas duas atitudes, que transcrevemos sem comentários para que não percam toda a sua grandeza significativa, calaram profundamente nas academias de Coimbra e do Porto, o que é um síntoma animador e que nos indica que a mocidade ainda sabe distinguir aquilo que é nobre

Numa reunião havida ha dias na Universidade do Porto, a que assistiu o Sr. Ministro da Instrução e grande numero de professores Universitários, discutiu-se a autonomia de Universidades quanto á escolha propria dos seus directores de Faculdades e de reitor.

Não estava lá nenhum estudante, o que foi pena, senão juntaria a sua voz á d'aqueles que reclamaram a autonomia absoluta.

Não se compreende mesmo que isso não aconteça numa democracia, alem disso se o reitor ou os directores fossem da simples confiança dos Governos e como por êsse facto eram implicitamente obrigados a pedir a demissão, se tivessem pundonor, sempre que eaísse o governo que os nomeou, aconteceria em alguns anos lectivos que teriamos mais duma duzia de reitores e diretores diferentes.

Este sistema trazia tantas carrapatas aos serviços, quantos fossem os

Alem disso, podia-se chegar a êste absurdo, no caso de não pedirem a demissão logo que caísse o governo, era o de haver um reitor ou um director que nem era da confiança do governo que se formasse, nem da confiança dos professores que não tinham remedio senão aturá-lo, nem da confiança dos estudantes que são sempre muito exquisitos na escolha do metal em que devem ser moldados tão preciosos objectos.

Neste caso, os meus ilustres colegas hão de concordar que seria um verdadeiro sarilho se existisse um reitor ou um director que fosse só da confiança do pessoal menor, por exemplo!!

Temos a opinião, aliás é a da maioria dos colegas, que o reitor duma Universidade em vez de ser o representante politico do governo junto das Escolas, será um representante das Universidades junto do ministro respectivo, para o que necessita de ser um alto valor intelectual capaz de dignamente apresentar em qualquer parte os corpos docentes que o escolheram.

Quanto á fiscalisação oficial do ensino, lá estão os directores gerais e outros funcionarios; quanto à fiscalisação moral, cá estão os rapazinhos para exigirem dos valores o logar proprio que dignamente devem ocupar.

CONGRESSO AGADEMICO NAGIONAL

Realisa-se em Coimbra, na velha cidade universitaria, nos próximos dias 27, 28 e 29 de Março, o primeiro congresso da Academia Portuguesa.

Ainda hoje não podemos publicar os nomes dos delegados da Academia do Porto, em virtude de ainda não terem reunido as diversas faculdades da Universidade para escolha dos seus legitimos representantes.

Seria bom que reunissem o mais brevemente possivel, para elaborarem as suas teses de comum acordo.

Porto Academico

O "Porto Academico" é para todos os estudantes o seu porta-voz. Como alguem, por acinte, tenha propalado que ele está sómente ao serviço da Associação, devemos es-clarecer que não é bem assim: está ao serviço de todos os estudantes do Porto.

Todos os artigos assinados por estudantes da nossa Academia serão publicados se o merecerem, quer pelo interesse que despertem, quer pelas razões argumentadas que frizarem. Evidentemente que não publicaremos pieguices caturras que qualquer sonambulo nos injecte. Isso não!

Comissão do Carnaval dos Estudantes

A comissão organizadora pedenos a publicação do seguinte:

Desejava esta comissão poder apresentar já as suas contas e entregar o saldo á Associação dos Estudantes do Porto, mas havendo ainda uma quantia importante a receber, proveniente da venda de bilhetes, procura esta comissão que essa quantia lhe seja entregue o mais rapidamente possivel. Aos estudantes responsaveis por essa quantia lembra a comissão que começará por publicar os seus nomes no proximo numero do "Porto Academico" e nos jornais diarios, apelando em seguida para meios mais energicos se isso se tornar necessa-

LOUÇARIA BASTO

AGOSTINHO BASTO & TEIXEIRA

Casa especial em serviços para jantar, chá e lavatorio serviços em crystal para meza, talheres em cristofle e alfenide

GRANDE VARIEDADE

PREÇOS SEM COMPETENCIA

98, 99, Campo dos Martyres da Patria, 100 __ (PROXIMO Á TORRE DOS CLERIGOS) ___

TELEPHONE, 619

PORTO

LUTUOSA

Por um lamentavel incidente, faleceu no hospital da Misericordia o estudante do quarto ano dos liceus Hernani Barbosa Fernandes, irmão do nosso colega de engenharia Armando Barbosa Fernandes e filho do nosso presado amigo e considerado farmaceutico snr. Alberto Barbosa Fernandes.

A toda a familia enlutada, os nossos pezames,

Carnaval dos Estudantes do

Realisou-se, como fôra anunciado, no domingo Magro, o desembarque, em Campanhã, das feras e pessoal

A sua passagem, atravez das ruas da cidade para o Palacio de Cristal, despertou a curiosidade da Gente do Porto, que assistiu de uma maneira económica á primeira parte dos folguêdos carnavalescos da rapaziada académica.

No Palácio, realisaram-se duas sessões de pagode, com relativa frequencia. O titulo da peça "A Aranha Verde" coadunou-se, de facto,

á essência da fita.

Pela parte que nos toca e no que se relaciona com a verdade, a Aranha deixou-nos ás aranhas. Não queremos entrar na apreciação literaria da peça. No tocante a enscenação, ela foi dum pessimo efeito. Despertou gargalhada pelo amontoado de disparates que a ornaram e embelezados por uma técnica condenável.

Pelo contrário, a revista "Onde vais, ó Mascara?", que foi levada à scena no Teatro S. João, agradounos e teria agradado a toda a gente se aqueles que nela entraram tivessem cuidado mais os seus ensaios.

Não fazemos referências a nenhum dos actores, porque em récitas academicas não achamos bem críticas desta natureza. Todos se esforçaram egualmente pelo bom desempenho dos seus papeis, não tendo porêm conseguido dar o realce que "Onde vais, ó Mascara?" merecia.

A récita terminou cêrca das três horas da madrugada, sendo digna de nota a persistencia com que quasi todos os espectadores se conservaram na sala até final do espectáculo.

A musica, quasi toda conhecida, agra ou, estando bem adaptada.

Em resumo: os autores foram felizes na sua produção, tendo porém muito de que se queixarem daqueles que, julgando-se actores consumados, despresaram os ensaios.

Tarde de luz, com ceu azul e transparente e com uma cálida aragem a despertar desejos, foi a tarde do dia 29 de Fevereiro. As ruas - 31 de Janeiro, Clerigos, Praça da Universidade, Sá da Bandeira e Santa Catarina, em especial, e todo o percurso em geral - estavam pejadas de gente.

E a multidão entusiasmada, anciosa, tinha ditos espirituosos,



Ha dias uma leitora gentil, diziame: você é um má lingua. Porque fala V. de tantas coisas que o não interessam e interessam aos outros? Porque diz mal de tudo e de todos? Francamente, o dizer mal, para o Senhor, já é mania:

Franzi a testa, arrebitei o nariz, busquet traços Leninianos para a minha antipatica fisionomia e respondi: Oiça, minha menina: V. Ex.ª é simpatica e é muito bôa

Entretanto, tem pessimos habitos. - V. Ex.ª é solteira. Quere casar, naturalmente. Pois bem: o que tem feito?-Ido ao Passos, aos chás dansantes, a mil e um bailes, a matinées, a soirées e, por cima de tudo isto que não é pouco, tem desafiado, num aperto interessante de orbiculares, um rapazinho de seios fartos...

Ora isto, fancamente, são, a meu vêr, habitos péssimos. E' certo que não tenho absolutamente nada com isso. V. Ex. tem direitos adquiridos, como, de resto, eu os tenho.

Critico esses habitos? Não. Acentuo-os, que é bem diferente.

-Mas o senhor falou de doenças da móda e não sei de que mais dis-

- Sim, minha senhora. Falei de caisas bem conhecidas, de defeitos sociais... e a que V. Ex.ª chama disparates ...

-Naturalmente..

-Perdão. Em tempos V. Ex.ª lendo a «Psicologia feminina" de Mantegazza, disse-me, após a leitura do livro, que não lho devia emprestar para ler, como não queria ler a "Cidade do Vício" de Fialho... Ora estes livros são absolutamente morais.

Teem um ou outro quadro realista? De acordo! V. Ex.º não é uma realidade adentro de outra realidade?

Evidentementente que sim. Se a moralidade anda, muitas vezes, de braço dado com a mentira e com a cegueira, eu não tenho culpa disso.

referencias brejeiras, apreciações ao

estudante, ao sonhador de um

futuro limpido, que passa, airoso

dará, pela cidade embriagada de

sonhos grandiosos, de trabalho

constante e perduravel. A gente da

folguedos e das graças inocentes

— correu toda apressada, para a

são todas gargalhadas, pelas dis-

A gentinha do Porto alpendurou-se

nos altos, nas escadarias, nos

jardins, empoleirou-se nos telhados,

nas frisas dos predios e dispersou-se

pelas ruas em busca dos homens

de mascara. E coisa interessante:

a multidão era uma massa enorme,

incontida, com matizes extraordi-

E a rapaziada passou, gloriosa

ue Calliavi

rua, para ver os môços rir.

formidades de semelhanças.

estas mas

Eça de Queiroz é o terror de muitas mães! Porquê? Porque muitos espiritos acreditam na pureza e na inocencia. E V. Ex a acredite, a inocencia e a pureza são duas virtudes quasi inatangiveis... E' por isso que muita mulher-não repare -é uma máscara. A alma tem uma fisionomia lázara e o corpo uma expressão divina...

E não leem estes livros, porque são imorais. Mas vão aos cinemas ver as acrobatas do espirito, toda a gáma de miserias sociaes, modelando o espirito em sentimentos avil-

tantes..

Ha muita gente que diz que o cinêma educa. E' verdade. Até no crime. Quanta creança se sugestióna e quanta mulher se expõe á desgrúça!

- E dos bailes, que tem o senhor

a dizer?

-Olhe: conheço tantas scenas interessantes, que nem ao ouvido lhas digo... E' uma serie interminavei de acontecimentos grotescos e tragicos. Tragicos moralmente.

-E' um má lingua...

- Não sou, minha senhora, não

-E'. Até disse que eu desafiava um rapasinho de seios far-

Não é mentira... Sei bem, muito bem dessa historia... E quer casar consigo e V., sabendo-o, já inventou uma represália de seu pai... para ele ferver cada vez mais em águas casadoiras. Todavia, V. namora ainda um espanhol empesetádo. Como as malheres são!

-Não. V. é que é um tôlo, um atrevido, um homem pouco ou nada gentil.

-Perdão, minha menina. Sou missionario da doutrina: sinceri-

-Tenha juizo e fale menos e frequente, camo eu, os chás dansantes ...

Sim, sim: cá eu, nem a garrafa silenciosa em dansa permanente.

e aplaudida, com sorrisos e burrifos por liquidos exquesitos, entre a multidão extasiada. O rei Carnaval, senhor absoluto, naquela hora e alegre, desempenado e distinto, perfeitamente ao acaso, ao Deus do riso e das beliscadelas espirituosas, olhava, cá em baixo, as costureiritas galantes e impetuosas, insofriveis e maldizentes, que o afrontavam com pedradas de escarneo e de cidade — a creança que gosta dos galhófa. E o ditador da reinação idióta, ria escancaradamente, emquanto cahiam das janelas poalhas de mil côres, papel, sobre o cortejo das mascaras

do Carnaval. Pela tarde, quasi ao surgir da noite, as mascaras cahiram, os carros paralisaram, o riso sumiu-se, e o disforme e o ridiculo extinguiam-se no longe da tarde que morria.

E o que foi o cortejo, disseram-no já os diarios em laudatorios interminaveis.

E assim passou a tarde.

dos Estudantes de Valladolid

Como anunciamos, chegaram ao Porto, vindos de Coimbra, os nossos colegas de Valladolid.

Eram em numero de 45, formando a Tuna Academica daquela cidade. Em S. Bento, onde desembarcaram, esperavam-nos uma banda de muzica, que tocou o hino espanhol e a Portuguêsa, e um elevadissimo numero de estudantes da nossa Universidade, representantes da Associação e do Orfeon e muito povo.

Ao entrar o comboio na estação uma vibrante e prolongada salva

de palmas os recebeu.

Vivas á Espanha, á Academia de Valladolid, a Portugal, ao Porto, etc., se ouviram febris e constantes, juntamente com capas no ar, abraços, fitas ao vento, emfim, numa confusão extraordinaria. Os estudantes de Valladolid, de capa e calção, trajo todo de veludo, de peitilhos de rendas e fitas policromas, davam uma nota interessante. As bandeiras da Tuna de Valladolid e da Associação dos Estudantes do Porto, cruzaram-se, como se se beijassem amorosamente. Os portabandeiras trocaram os seus simbolos. Cá fóra, organisou-se um extensissimo cortejo, que se dirigiu para a Universidade. Aqui, no Salão Nobre, foram dadas as boas vindas por professores e estudantes.

Presidiu a esta sessão o ex.mo sr. Dr. Augusto Nobre, como Reitor da Universidade. Falaram em nome da Associação, Azeredo Antas; em nome do Orfeon, Martins Ferreira; Oscar Saturnino como delegado dos estudantes ao Senado Universitario; e pelos professores, o sr. Dr. Leonardo Coimbra. Dada a sessão de boas-vindas os estudantes de Valladolid dispersaram-se pela cidade em visitas varias. A' noite, no S. João, realisaram um concerto musical, inscrito no programa da sua compatriota La Goya.

Não fazemos aqui a critica do quanto vale a Tuna Academica de Valladolid. Entretanto, podemos afoitamente dizer que se não pode comparar com a do Porto. Tem menos técnica, menos unidade, e programa mais reduzido. Lamentamos o não termos podido rece os nossos hospedes com a galhardia. que nos é peculiar. O carnaval e servicos de ordem académica foram as causas de não termos podido mostrar-lhes o quanto é grande o sentimento Académico do Porto.

Foi presidente da Tuna, nesta ci-dade, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Francisca Pinto da Costa Leite (Lumbrales), irmã do nosso colega da Faculdade Tecnica Ricardo Lum-

brales.



Nós e a Associação de Football

Dissemos neste mesmo logar ha já algum tempo que o campeonato inter-escolar de foot-ball, debaixo de tão bons auspicios levado a efeito pela primeira vez no ano findo, ia novamente ser disputado este ano, agora com apoio da Associação de Football.

Quando tal escrevemos estavamos convencidos de que a Associação de Football era uma entidade destinada a orientar nesta cidade a pratica do nosso mais popular desporto, procurando ao mesmo tempo, por todos os meios ao seu alcance, fazer dêle a mais larga e proficua propaganda.

Esta nossa opinião parecia, de resto, ser de todo o ponto justificada, pelo menos na parte que se refere á sua acção no meio académico, pois que, pela boca do seu presidente, a Associação de Football prometera interessar-se deveras porque o campeonato este ano fosse um facto.

Fôra-nos até proposta a seguinte solução:

Campeonato organisado e dirigido pela Associação dos Estudantes, na forma do ano passado, com a sanção oficial da Associação de Football.

Nestas condições, tinhamo-nos encarregado de elaborar um regulamento que, depois de submetido à apreciação da Associação de Football e devidamente aprovado, regeria o nosso campeonato.

A resposta da Associação foi-se fazendo esperar, impacientando-nos a nós e a todos aqueles que anciosos esperavam a marcação dos primeiros encontros.

Finalmente, um belo dia, a Associação, dignou-se baixar até nós para nos trazer a resposta, que era nem mais nem menos que uma negativa ao nosso pedido, baseada num mal interpretado artigo do seu estatuto.

Em suma: a Associação de Football não fez disputar o campeonato escolar, nem permite que uma Associação Académica dispute entre as escolas aderentes um torneio que ninguem tem a pretensão de chamar oficial.

Dá-se isto no Porto, numa cidade que já tem foros de desportiva, com uma associação que pretende orientar o nosso mais popular e querido desporto.

Ouve-se mas não se acredita.

Pela nossa parte só temos a declarar que com um tal grupo de dirigentes o football há-de forçosamente progredir... pelo caminho do caranguejo.

CARNAVAL DE 1925

Já se estão escrevendo duas revistas para o Carnaval de 1925.

Aí está uma novidade sensacional, reservando nós os nomes dos autores para mais tarde.

INTERCAMBIO FRANCO-PORTUGUEZ



DUBREUIL-CHAMBARDEL

Professor da Escola de Tours

NO PORTO

E'-nos grato constatar a vinda do eminente Prof. Dubreuil-Chambardel a esta nobre e invicta cidade!

Homem de sciência e amigo dedicado de Portugal, acedeu amavelmente aos convites feitos pelas Faculdades de Medicina das Universidades de Lisboa e Porto, vindo até às cidades onde o seu nome é, ha muito, pronunciado com justificado respeito e sincera admiração.

Dubreuil-Chambardel esteve entre nós!

Vice-Presidente da Sociedade de Antropologia de Paris, e professor na escola de Tours, é o continuador da obra notavel de Le Double, o mais original dos anatomicos franceses do seu tempo.

Tem-se dedicado com verdadeiro carinho e rara actividade ao estudo da anatomia, teratologia e arqueologia pre-historica.

Mas neste eminente homem de sciencia ha principalmente um facto que nos seduz:

Dubreuil-Chambardel é um amigo da sciencia portuguesa! Conhecedor perfeito de tudo quanto na nossa terra se tem produzido nos ramos da sciencia a que se dedica, mantém relações amistosas com os Profs. Henrique de Vilhena da Universidade de Lisboa e Pires de Lima desta cidade.

Ainda ha pouco, numa das lições proferidas na Escola de Antropologia de Paris citou numerosissimas observações do novo Professor da nossa Faculdade de Medicina Hernani Monteiro. São estas razões de sobra para que neste jornal, orgão dos moços entusiastas e sonhadores, manifestemos a alegria que sentimos com a visita de tão grande sabio e façamos votos para que as relações entre as duas Patrias amigas — Portugal e França — sejam na paz ainda mais intimas do que o foram durante os dias tragicos da Grande Guerra.

As nossas saudações, pois, ao grande professor Dubreuil-Chambardel!

Acompanha o ilustre professor na sua viagem a Portugal o estudante de medicina e preparador da Escola de Tours Jean Jacques Lieffring a quem, como colegas, saudamos efusivamente.

Bocadinhos de oiro

Recortamos, com a devida vénia, do Constando, pelos je Janeiro», de 11 do corrente: nas das Faculdades de

ESTUDANTES MADRILENOS

Continua a despertar entusiasmo entre as alunas e não alunos das Faculdades de Letras e Sciencias da nossa Universidade, como por lapso saíu, a ideia de serem cativantemente recebidos os estudantes madrilenos, na sua proxima visita a esta cidade.

Estamos certos que os nossos hospedes serão gentilmente recebidos, tanto mais tratando-se de senhoras, que, no acolhimento aos seus colegas espanhois hão-de, sem duvida, manifestar toda a graça e encanto da juventude, para que levem da sua visita ao Porto uma perduravel recordação.

Leram? O grifado é nosso, para não haver *lapsos!* Até que emfim. Antes tarde do que nunca, como diz, filosóficamente, o rifão.

Constando, pelos jornais, que as alunas das Faculdades de Letras e de Sciencias, se propõem organizar um numero de festas em honra dos Estudantes espanhois, lastimamos que essas estudantes não tivessem oficiado nesse sentido á Direcção da Associação dos Estudantes, como era de bom criterio e sã solidariedade.

Os estudantes madrilenos

Emfim, soma e segue...

O entusiasmo é das alunas das Faculdades de Letras e Sciencias] e não dos alunos. Clarissimo. Por lapso, quando saíu a primeira noticia, é que não protestamos. Como haviamos de ser bons pontos manifestando toda a nossa graça—Ena pai!—e encanto da juventude? Não. Ponhamos os pontos nos ii, e deixemonos de carrapatas. Se fosse pelo Carnaval... ainda poderiam apreciar a graça gentil das simpaticas e falsas filhas de Venus que se rotularam com o piéguissimo termo de máscottes. Mas agora, já não iam na fita, a não ser por lapso!



FOLHAS MORTAS, por João Casanova Pinto

Do nosso velho colega João Casanova Pinto, recebemos um volume de versos com o titulo—Folhas Mortas. No proximo numero diremos do seu valor.

A LABAREDA — Revista literária

Recebemos os tres primeiros numeros desta interessante revista. Tem colaboração valiosa, sugestiva, que raras vezes aparece em Revistas de rapazes. Precipitação, alheamento, ou quaisquer outras circunstancias de igual jaez se reflectem muitas vezes nestes veículos literarios, sem que o mal se cuide com vantagem.

A Labareda, pelo contrario, é cuidada e tem uma escrupulosa colaboração.

Que continue assim, são os nossos votos.

> AS TENDENCIAS OR-GANICAS DO ENSINO DEPOIS DA GRANDE GUERRA (1914-1918) — Memoria destinada á Representação Portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro (premiada com medalha de prata em 1923) —por Rodrigues Ascensão, Engenheiro e Prof. da Faculdade Técnica.

Diz o autôr, em prologo: "A sociedade actual modificada, impõe uma orientação nova, onde a par da justiça, disciplina e moralidade para todos, possa haver chefes que tenham envergadura e audacia, para se imporem, e capacidade efectiva, para mandarem.

E fala dos varios ensinos e demonstra um trabalho de grande observação e conhecimentos pedagógicos o que em prólogo nos afirma.

Ao sr. Engenheiro Rodrigues Ascensão auguramos uma tenacida-de inquebrantavel nos estudos pedagógicos a que se dedicou, e nos dê, em breve tempo, mais algumas provas dos seus trabalhos de investigação scientifica.

Martins Ferreira

BOMBEIROS VOLUNTARIOS

Os Bombeiros Voluntarios do Porto realizaram, no passado dia 23, um banquete no Palacio de Cristal. Para esta festa intima tiveram a gentileza de convidar um delegado da Associação dos Estudantes, que, obedecendo a um bom criterio e á sincera simpatia que nos estreita aos Bombeiros Voluntarios do Porto, aceitou o convite.

Registamos com prazer este facto.

Mais uma vez pedimos desculpa aos nossos estimados assinantes do atrazo com que o PORTO ACADEMICO tem sido publicado.





O PRIMEIRO DE JANEIRO

CASA DE OBRAS

Com oficinas modelarmente instaladas. Maquinismos e material das mais importantes fundições tipograficas da Alemanha, Italia e Espanha, etc., etc. Executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos e por preços verdadeiramente convidativos.

R. Santa Catarina, 324 a 326

Tele'ones, 48 e 47 — PORTO

ACONSELHAMOS

Tinta a agua "MURALINE,,
por ser uma tinta Higienica

Depositarios para Portugal e Colonias

MARIO COSTA & C.A. L.PA

PORTO — Rua do Almada, 30 - 1.º LISBOA — R. das Pedras Negras, 24-1.º

Coimbra — Rua da Nogueira, 26

Covilha — Praça da Republica

PAPELARIA INDUSTRIAL

E TIPOGRAFIA

Sebastião d'Almeida
23, Largo do Carmo, 23 — PORTO

Completo sortido em objectos de escritorio e desenho. Especialidades. Papeis de luxo. Carteiras e bilhetes de visita. Canetas de tinta permanente.

FOX-TROT DA REVISTA ACADEMICA PONTOS E VIRGULAS

Modesto Osorio PREÇO 3\$50

A' venda na Associação dos Estudantes do Porto RUA DE S. BENTO DA VITÓRIA, 10-1.º

CONSELHO As SENHORAS

Uma visita á Antiga Casa Taveira (Rua de Santa Catarina, 399 a 403 e Rua de Fernandes Tomaz, 301 a 319) convencer-vos-há de que não podereis encontrar noutra parte um mais completo sortido de lãs para vestidos :: :: : e de casacos para senhora e creança :: ::

Associação dos Estudantes

Devido a acções irregulares e comportamento mau dos socios desta Associação Ortelindo Abran-tes e Marco Aurelio de Miranda, e segundo queixa apresentada á Direcção desta colectividade, foram estes senhores convidados a explicar-se na sessão de 11 de Fevereiro. Apresentaram-se e, como a queixa mostrasse a certeza da delinquencia, foram aqueles socios, por aprovação de todos os membros da Direcção e seguindo os Estatutos, admoestados pelo Presidente Azeredo Antas. Talvez para se antepôr a castigo maior, Ortelindo Abrantes apresentou anteriormente a sua demissão, por carta. A Direcção resolveu, depois de admoesta-lo, dar-lha. Azeredo Antas lembrou aos delinquentes o poder que tem o Senado Universitario de expulsar qualquer academico, desde que o seu comportamento pessimo e actos fóra de educação o exijam. E assim, de futuro, a Direcção da Associação dos Estudantes do Porto solicitará do Senado o castigo que mereça a prevaricação dos acusados, por intermédio do nosso representante no mesmo Senado, Oscar Saturnino da Cruz Monteiro.

Custa tocar nestes assuntos, é certo, mas tambem custa vêr a Academia do Porto, que se esforça por levantar-se e sobresair, enxovalhada por actos de academicos repreensiveis e irregularissimos. Por isso a Direcção da Associação dos Estu-dantes do Porto, no direito que lhe dão os Estatutos aprovados, castigou aqueles dois socios, fazendo votos para que os admoestados não repitam os actos de que foram acusados e toda a Academia respeite e se faça respeitar, sem ser necessario deitar mão a estes processos de regularizar acções menos proprias que custam mais a quem os aplica do que a quem os sofre.

BIBLIOTECA

Convidam-se os srs. socios que tenham livros desta Biblioteca em seu poder, a devolvel-os imediatamente, visto estar a proceder-se á reorganisação da mesma. Como ha muito expirou o prazo que

lhes foi concedido para a leitura dessas obras, previnem-se os senhores socios de que, caso este seg indo aviso não surta o efeito desejado, se publicará mais um no proximo numero dirigido, então, directamente a estes senhores as-

Continuando a publicação dos nomes dos distintos autores que teem oferecido as suas produções á Biblioteca da nossa

Associação, registamos hoje os seguintes: Dr. Alvaro Machado, dr. A. C. Pires de Lima, dr. Leonardo de Carvalho e Castro, dr. Antero de Figueiredo, E. F. Santos Silva e dr. Julio Brandão.

CAPA E BATINA

Capa e batina formam um trajo honroso e distinto. Assim não o compreende muita gente pelo sem numero de disparates que, quotidianamente, se observam por essas ruas fóra.

Bom é que haja um pouco mais de criterio e galhardia.

Por Minho, Douro e Traz-os-Montes

Breve noticia, de uma viajem de Braga a Castro Vicente, que se dirá em *c irrente calamo*, para o que o autor não fará mais do que traduzir-se nas linhas que se

Viajar é colher no desconhecido a flor do inesperado.

Antero de Figueiredo-«Espanha»

Aprestando-me para a viajemque ia empreender por Minho, Douro e Traz-os-Montes, em demanda de um longinquo burgo desta ultima provincia — a mais caracteristica-mente portuguêsa deste "jardim da Europa" - não desprezei reler Antero de Figueiredo atravez do seu primeiro prefácio á «Espanha».

Fui relembrar os ensinamentos que aí colhera para saber viajar; fui mais uma vez concordar com o prosador das "Jornadas em Portugal", que nas viajens não devemos procurar o meio mais rápido de transportarmo-nos de um ponto a outro, mas quasi o contrario para que possamos dirigir "interrogações ás formas, ás côres, á luz e tambem ao cogitar das coisas"; observar a "Natureza na vida que ela vive" e debruçarmo-nos "sobre a vida que ela viveur.

Sem isso não usufruiremos beleza alguma dos logares percorridos; não viajaremos, pois "as viajens são series de respostas" que terá quem interrogar, ou seja viajar, pois que "viajar é interrogar".

Mais rememorei em Antero de Figueiredo, preparando-me para os escutar, que se ouve "os monologos dos montes e das fragas; os dialogos das árvores umas com as

Ah, sem duvida que, o autor do "D. Pedro e D. Inez" tinha presente o scenário de Traz-os-Montes – a provincia da minha paixão-quando escreveu aquelas palavras.

Mas... basta por agora de preparação espiritual na "Espanha", para viajar, porque poderei recorrer a ela quando quizer, visto que me acompanhará, e... en avant.

Manhã de Julho, fresca-uma tré-

gua na continuidade ardente de um verão rispido, um oasis na sequencia duma estiagem africana.

Algumas gotas de agua, conhecedoras, sem duvida, da maxima "a união faz a força», auxiliando-se mutuamente para vencer a resis-tencia do ar que deslocam, levamlhe a melhor, caindo em chuva meuda, "de molha tolos", como diz o povo, de "não sei se chovo ou não", como digo eu.

E' este o elemento que suavisa esta manhã de Julho.

Sursum corda! Alegrai-vos corações de vós, pobres mortais, que, temerários como ouvintes de verborreia oratoria, tendes de empreender uma viagem.

O pó que se levantava em caprichosas espirais, fugindo á terra-mãe que o gera e ia, nas azas enganadoras e voluveis do vento, intoxicar os nossos pulmões, não se erguerá hoje, embriagado como está pelas gôtas frescas do liquido incolor, inodoro e insipido que tem sorvido com avidez e pelo qual ansiava.

A temperatura é pois suave.

O meu coração, como um ginete a trote, salta de contente, antegosando o prazer que o seu senhor sentirá com a amenidade de tal dia, que lhe vai permitir vencer a viajem de catorze horas em perspectiva, sem o incomodo de um calor

Aproxima-se a hora da partida. Dou os ultimos retoques á minha pessoa, verifico a bagagem, armome de... paciencia, empunho a "Espanha", e abalo para a estação.

(Continua)

NINGUEM.

Récita de despedida

do sexto médico ano

Realisa-se no proximo dia 31 do corrente mez, no Teatro de mais largos informes sobre esta S. João, a recita de despedida dos alunos que este ano terminam o seu curso na Faculdade de Medicina.

Ha alguns anos já, desde o começo da guerra, que esta festa se não realisa e por isso mesmo é grande o interesse que está despertando, tanto mais que a peça que será representada, "Adeus!...", é da autoria do poeta Abilio de Mesquita.

No proximo numero daremos simpatica festa.

Os bilhetes marcados devem ser desde já requisitados a qualquer dos membros da comissão organisadora, composta pelos sextanistas: Carlos Frias Junior (Pres.), Manuel Araujo (Thes.), Bernardo Pereira Leite, Paulo Gonçalves, Manuel Barbosa, Correia d'Araujo, Alberto David, Frazão Nazareth e Tomaz d'Aguino.

O Primôr da Moda

Na verdade o comercio no Porto progride! exclamamos nós ontem ao findar uma visita a um estabelecimento que vai marcar no meio comercial portuense.

Referimo-nos ao "Primôr da Moda", a antiga casa de chapeus de feltro e palha para homens, senhoras e crianças que, como os leitores não ignoram, existe ha muito na rua de Cedofeita.

Mas o que os leitores, de certo. não serão capazes é de reconhecer esse antigo estabelecimento atravez o moderno, tal a transformação porque ele passou.

Com efeito a metamorfose - digamos assim — foi radical. No primeiro andar continuam instalados os ateliers de confecção de chapeus para senhora e criança; o respectivo salão de venda e exposição e os es-

Porém, mercê da iniciativa empreendedora dos seus conceituados proprietarios e da preferencia com que o seu estabelecimento tem sido distinguido pelo publico — pois que alia á modicidade dos preços o esmero na confecção dos seus artigos - tomou esta casa ultimamente um tão notavel desenvolvimento que aquelas secções tiveram de ser ampliadas.

Assim é que as actuais instalações do primeiro andar não são nada do que eram primitivamente.

Os proprietarios do "Primôr da Moda», para melhor servír os seus inumeros freguezes, e porque o crescente movimento comercial da sua casa insistentemente o reclamava, aumentaram as suas secções de chapeus para homens, senhoras e crianças dando-lhes um tão grande desenvolvimento e aperfeiçoando de tal fórma o fabrico desses artigos, que será dificil encontrar melhor em outra qualquer parte.

Mas não ficam por aqui os progressos do "Primôr da Moda". Temos a mencionar ainda a inauguração realizada ha dias dum elegante estabelecimento, sóbrio mas obedecendo ao mais apurado modernismo, com que os proprietarios desta casa, os srs. Souza, Monteiro & C.ª a dotaram, completando-a.

Nesse estabelecimento, instalado nos baixos do predio e, portanto, de mais facil acésso, destinado quasi exclusivamente a chapeus de homem, encontrará o publico magnificos chapeus de feltro de varios feitios dos mais modernos e, o que é sem duvida notavel, para todos os

Felicitando sinceramente os proprietarios do "Primôr da Moda" pelo impulso dado ao seu estabelecimento que vem enfileirar, sem favor, ao lado dos mais belos desta cidade, desejamos á sua acreditada casa a continuação das mais francas prosperidades.

Ao publico felicitamo-lo pelo ensejo que lhe é proporcionado dum magnifico estabelecimento onde poderá adquirir bons artigos por preços muito razoaveis.

Aos nessos colegas recomendamos esta casa, pois temos a certeza de que ficarão satisfeitos com os scus artigos.



Ha tempos e a proposito da ne-cessidade inadiavel da compressão das despezas publicas, alvitrou-se levianamente a supressão da Faculdade de Farmacia da nossa Universidade. Houve mesmo quem avançasse mais, e, numa intuição de caranguejo, propusesse pura e simplesmente a supressão in-limine das Faculdades de Farmacia.

Só á ignorancia da opinião publica àcerca do que haveria de monstruoso nessa amputação universitaria se póde atribuir o relativo incremento duma ideia que, sem exagero, se pode classificar de absurda. Façamos um pouco de historia e mostremos ao publico a evolução de Ensino Farmaceutico no nosso paiz até á sua actual or-

ganisação.

Em 1902, apoz longos anos de porfiada luta, conseguiu a classe farmaceutica a promulgação da lei de 19 de julho, que veio unificar e organisar o ensino superior de Farmácia, exigindo para a matrícula nas Escolas o Curso Complementar dos Liceus (ou simplesmente o curso geral, quando seguido de 3 anos de prática farmaceutica), os exames de Quimica Inorgânica, Quimica Orgânica, Análise Quimica, e Botânica feitos na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, na Escola Politécnica de Lisboa ou na Academia Politécnica do Porto. Esta lei, tendo por objectivo acabar com a situação caótica em que se encontrava entre nós o Ensino de Farmácia, enfermou desde logo, do largo período transitório que nela se estabeleceu, porque á sua sombra ainda tiraram o curso por largo tempo muitos farmaceuticos de 2.ª classe. Mais tarde, em 1911, com o advento do novo regimen, entendeu o governo que se tornava imperioso e urgente reorganisar o ensino superior de Farmácia, criando-se o Curso de Farmaceuticos-Químicos.

O numero de disciplinas foi aumentado consideravelmente. Crearam-se 3 logares de assistentes, mas para a matricula nas escolas continuou a não ser obrigatório o curso complementar de Sciencias. Em 1918 nova remodelação se operou, exigindo-se o curso complementar de Sciencias, tornando mais completo o curso preparatorio, ampliando os estudos farmaceuticos e aumentando o numero de Professores e Assistentes, de modo que ficavamos neste ramo de ensino bem a par dos centros mais cultos.

Só uma omissão se fez sentir. Ela foi preenchida aclarando-se o teor dos artigos 23 e 25 do diploma referido, com o decreto N.º 5463 de 29 de Abril de 1919 que criou

o grau de licenciado.

E pelo decreto N.º 7238, de 13 de Janeiro de 1921, eram constituidas em Faculdades as novas escolas, efectivando-se desta sorte a sua justissima aspiração.

Não resultou de toda esta evolução do Ensino farmaceutico, deve-se frizar, o minimo encargo para o Estado.

Para fazer face á instituição das Escolas Superiores de Farmácia anexas ás Universidades, propoz-se a classe farmaceutica realisar receita propria, e assim é que no artigo 1.º do Capitulo 3.º da lei de 19 de julho de 1902, se consegue a obrigação da oposição de um sêlo nas especialidades medicamentosas, expressamente criado para esse fim, e que ficava pesando directamente sobre a classe, com manifesto benefício para a humanidade enferma e para o país. E não se diga que tal impôsto é diminuto. Ele tem crescido sucessivamente, excedendo hoje a verba de um milhão de escudos, como se verifica pelo pare-cer N.º 411 apresentado ao Parlamento pela comissão do orçamento, capitulo 2.°, artigo 24.°

E' tão valioso, que garante vida propria ás 3 Faculdades, revertendo ainda um consideravel excesso para o restante Ensino Publico.

São pois as Faculdades de Farmacia as unicas que não oneram o orçamento geral do Estado, visto terem receita propria.

E tanto o reconhecem as estancias oficiais, que, nos considerandos dum recente decreto em que a Faculdade de Farmacia de Lisboa era autorisada a contraír um empréstimo para a aquisição de edificio proprio, dizia Sua Ex.ª o Ministro:

"Considerando que o artigo 1.º do capitulo 3.º da lei de 19 de julho de 1902, que criou as Escolas de

Farmacia, dispõe a aplicação de um sêlo sobre as especialidades farmaceuticas criando assim a receita para fazer face aos encargos provenientes da manutenção das referidas escolas:"

"Considerando que sendo a classe farmaceutica por tantos titulos benemerita, onerada com o respectivo impôsto que produz uma importantissima receita, não é justo que as Escolas Superiores de Farmacia não tenham edificios proprios

e condignos".

A lei de 1902 submetia estas Escolas á tutela das Escolas de Medicina. Compreende-se bem que sem autonomia, nem o direito de cada uma delas se poder regêr por si mesmas, era utópico qualquer progresso apreciável. Nem essa tutela se justificava: onde acabam as funções do médico principiam, é obvio, as do farmaceutico; e'as são perfeitamente independentes, embora devam ser perfeitamente harmónicas. Assim o entendeu o ilustre Profes-sor de Medicina e Higienista notável Dr. Lopes Martins que, em 1915, quando Ministro da Instrução, desanexou as Escolas de Farmacia dando-lhes vida propria e ensejo para o seu progresso. Hoje o ensino de Farmacia em Portugal póde dizer-se excelente e, nunca será de mais repeti-10, acha-se bem a par das Faculdades congéneres do estrangeiro.

E pelo que toca á criação de 2 classes de farmaceuticos, a ideia, se houver de renascer, ha-de caducar imediatamente por obsoleta e absurda. Assim como não ha, nem pode haver, duas classes de médicos, tambem não póde haver duas classes de farmaceuticos. São identicas as exigencias da clinica em toda a parte, nos grandes como nos pequenos centros de população, sendo de notar que ainda se torna mais essencial a perfeita competencia do farmaceutico nas povoações mais modestas e carecidas de toda a ordem de recursos e de assistencia médica.

Importante, mais importante que tudo o mais, será a publicação imediata duma lei de exercício de farmacia, de rapida execução, que ponha côbro ao exercicio ilegal da profissão, abuso indecorôso que ainda hoje não tem limites, ainda mesmo nas grandes cidades. No dia em que essa lei produzir os seus efeitos, vêr-se-ha considera-velmente subir a inscrição de alunos nas Faculdades de Farmacia,

Como se pretende, além disso. num país em que falham os químicos suprimir o curso em que a Química se estuda com mais inten-

sidade?

Vejam a vizinha Espanha em que pela análise e confronto de estatisticas oficiais se conclue ser principalmente devido aos seus Farmaceuticos-Quimicos, o extraordinário progresso das suas Industrias químicas.

E não serão atendiveis os serviços de toda a ordem que pela Provincia, onde não ha laboratórios, os Farmaceuticos-Químicos prestarão ás Camaras e aos Tribunais com as suas análises e doseamentos?

Só em Portugal, provando isso lamentavelmente o nosso atrazo, se liga menos importancia ás Faculdades de Farmacia. Em Espanha, é Reitor da Universidade Central de Madrid um Professor da sua Faculdade de Farmacia e um dos mais notáveis catedráticos da Peninsula D. José Carracido. Na França e sobretudo na Alemanha, é de Farmaceuticos a maior percentagem dos grandes químicos.

E quando alguma Faculdade de Farmacia se houvesse de suprimir nunca poderia ser a do Porto.

E' a melhor instalada do país, a que dispõe de melhor material e tem maior frequencia do que as de Lisboa e Coimbra juntas. Além disso presta notabilissimos serviços á Saude Pública pelas numerosas análises que diariamente se fazem nos seus laboratórios, mórmente agora em que quasi não existem laboratorios oficiais.

E' necessario que os Poderes Publicos não escolham sempre o Porto para vítima das suas leis de asfixia.

E que a opinião publica saiba a sem razão daqueles a quem a ignorancia das coisas leva a alvitrarem levianamente soluções absurdas.

A. MARQUES DE CARVALHO

MORALIDADE CARNAVAL

Dizem os jornais que a Liga Antialcoolica, juntamente com os alunos de Escolas de Lisboa, vão pedir ao governo que encerre alguns cinemas e outros antros onde a moralidade "se corrompe". Achamos bem, muito bem mesmo e oxalá que tudo isso, em prol da civilização que se... desciviliza, dê bons resultados.

Mas, se fossem a fechar tais casas, ó ceus, quantas e quantas se não fechariam? Cinêmas, teatros, etc., etc., logares emfim onde se aglomera a sociedade e onde a imoralidade fez ninho quente! Vai por ai uma desgraça de costumes, que enoja e irrita! E tanto pai cego em sua condescendencia, tanta mãe ceguinha! Tudo á liberdade e a liberdade traz nesse caso o mal! Moralidade, moralidade, onde estás, onde

O Carnaval passou, e com ele foram-se a loucura, o delirio, a febre de gozo, as cabeças no ar ou o... ar das cabeças! No meio de todo o folguedo, era interessante o movimento nas ruas, interessantissimo! E quem jogava o Entrudo? Quem? Vimos: rapazinhos imberbes, tolinhos, de bisnagas caras na mão, empregados geralmente no comercio, cujos patrões decerto sentiram vacuo nas suas gavetas. Criadas de servir, que só em jogo gastaram certamente o melhor da soldada do mez que correu. Gente, toda a gente, e essa nos admirou, de bisnaga tambem empunhada, esguichando to lamente quem passava!

Coisas que fazem pasmar a gente e que dão vontade de desejar um segundo diluvio, maior que o primeiro, muito maior, para que nenhum Noé se salvasse.